

Uma Reportagem

30/4/57

EM Juazeiro, Bahia, um menino morreu afogado do rio S. Francisco. Muitos jornais não deram sequer essa notícia, e se deram ninguém lhe prestou atenção. Aconteceu, porém, que um repórter estava em Juazeiro — seu nome é Luís Fernando Mercadante — e resolveu tratar o caso como assunto de reportagem. Não conheço o colega, mas ele deve ser muito moço, pela emoção, pelo entusiasmo, pela ingênua minúcia com que fez o serviço. O «Jornal do Brasil» de domingo publica o trabalho em página inteira, com seis gravuras.

Não é possível a nenhum jornal do Rio reservar uma página inteira a cada menino que morre afogado em um rio do Brasil. Os afogados comuns de Copacabana e Ipanema não ganham mais de cinco ou dez linhas. Houve então algum detalhe especial que justificasse o grande espaço gasto pelo jornal ao afogamento de Juazeiro? Não; o afogamento nada teve de extraordinário. Um menino de dez anos estava pescando, caiu n'água, morreu afogado e seu corpo só foi encontrado dois dias depois. Então o secretário do jornal fez uma tolice? De maneira alguma; demonstrou, pelo contrário, muito discernimento ao dar destaque a uma reportagem realmente interessante. Teve, inclusive, o bom gosto de não publicar uma fotografia a que se refere o texto, a do corpo do menino.

Creio que os alunos das escolas de jornalismo lucrariam em meditar sobre essa reportagem. Veriam que o verdadeiro assunto não é o afogamento do menino; é a emoção produzida na família e em toda a cidade por esse afogamento. Vemos a mãe chorando noite e dia, o pai no cais acompanhando os trabalhos de busca do corpo — «só de noite, às vészes, ele fugia para o quintal da casa e chorava o filho junto às árvores e às pedras do lugar onde seu filho brincava com bolas de gude». Vemos populares mergulhando para procurar o corpo, homens saindo em barcos e canoas, os rapazes da Escola de Tiro mobilizados para a busca, mais de cem homens passando a noite inteira no rio. Quando um naviozinho voltou apitando para que soubessem que o corpo fôra encontrado mais de três mil pessoas foram para o cais; e para transportar o corpo levou-se a caminha do menino.

A reportagem — desculpe o colega — nem sequer é formalmente bem escrita. Mas transmite emoção, dá uma idéia viva de um momento em uma cidade brasileira, reconhece a importância humana de uma desgraça quase banal, revela a sua dignidade. Nenhum homem que já viveu no interior deixará de ficar emocionado, de lembrar afogamentos no rio de sua terra — aquela espécie de espanto com que a gente fica olhando a turva correnteza, as pedras, os remansos, cismando parada diante do mistério e da traição do rio.

Agora, que há tantas receitas fáceis para fazer jornalismo, uma reportagem dessas é boa para lembrar aos profissionais que nem sempre é o fato que importa, e que a humanidade vive mais de emoções que de fatos.